

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Agora os aliados de Mendonça temem a reunião do STF

Até a noite desta quarta-feira, 16, ainda estava marcada para a próxima quarta, 23, nova sessão do plenário do Supremo Tribunal Federal (STF). Não está clara qual será a pauta depois do show de horrores da sessão desta terça-feira, 15. Há um clima de ressaca.

A sessão foi interrompida por um pedido de vista do ministro Flávio Dino, um aliado de Alexandre de Moraes. Mas agora são os aliados do ministro André Mendonça que andam temerosos sobre a próxima reunião.

Inicialmente, o presidente do STF, Edson Fachin, havia acertado como tema central e exclusivo a petição 16.704, que prevê a análise da conduta do ministro André Mendonça na relatoria dos casos envolvendo o Banco Master e o INSS.

Mendonça foi acusado pelo ministro Alexandre de Moraes de estar por trás dos vazamentos de informações contra ele no processo do caso Dark Horse e, também, promover quebra seletiva de sigilos e usurpação de competência da Polícia Federal.

Aliados de Moraes defendiam que essa discussão fosse incluída na pauta da sessão que ocorreu na terça-feira. Mas Fachin resolveu que aquela reunião seria dedicada apenas à petição 16.662, que trata das mensagens vazadas e do suposto envolvimento de Alexandre de Moraes com Daniel Vercaro, além da validade de um relatório da Polícia Federal.

A sessão de terça-feira, como se sabe, se transformou num enorme bate-boca com troca de xingamentos que fizeram a ministra Cármen Lúcia corar de vergonha. Ela pediu perdão à

população pelo vexame dos colegas. E a reunião terminou com o pedido de vista, sem contagem final dos votos. Flávio Dino só terá que terminar a vista após três meses.

Já Fachin terá que decidir se espera o fim do prazo para voltar a discutir o assunto; se encontra alguma forma de dar prosseguimento à discussão de terça para antecipar seu voto de minerva, já que a contagem deverá terminar em 4 a 4; se inicia a nova sessão sem tratar do tema anterior; ou simplesmente se desmarca a sessão. E como ficam as investigações que Moraes vinha comandando?

O presidente da Corte saiu desgastado daquela reunião, criticado por não ter agido com firmeza para conter os brigões. A expectativa é que os grupos de Moraes e Mendonça voltem a se digladiar. Com constrangedoras informações já apontadas na sessão passada. É o caso de Nunes Marques, que se declarou impedido de participar da sessão de terça. Alegou que, como presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), não considerava adequado discutir os assuntos da pauta.

Mas se agora achar que dá para participar, poderá ter que responder ao fato de seu nome e o de Kevin Marques, seu filho, terem aparecido em diálogos extraídos do celular de Vercaro. Em uma das mensagens, Luiz Rennó, ex-diretor jurídico do Banco Master, envia a Vercaro dados de Kevin e a menção ao valor de R\$ 500 mil por mês.

Na reunião de terça-feira, Gilmar Mendes disse que Luiz Fux também aparece nas mensagens. Os dois chegaram a discutir e é provável que o assunto volte à tona.

Ou seja, se a reunião passada foi ruim para os aliados de Moraes, a próxima pode ser ruim para a turma de Mendonça. Fachin e Cármen Lúcia tendem a continuar espremidos entre os dois mundos.

Quanto à opinião pública, essa pode acabar submetida a um novo espetáculo de horrores.

FERNANDO MOLICA

Jornalista e Escritor

O país que deixou de sonhar

O pesadelo ocorrido na última terça no Supremo Tribunal Federal ilustra a situação de um país que deixou de sonhar. Melhor, que passou a cultivar a quimera da desgraça alheia, que almeja apenas derrotar o que considera a representação do mal: o ódio que o Brasil aprendeu a amar parece derrotar qualquer esperança.

É como se tivéssemos adotado como lema a frase escrita no portão de entrada do Inferno em “A divina comédia”, de Dante: “Deixai toda esperança, vós que entraís”. Demonstramos até uma certa alegria ao pronunciá-la, um conformismo com a impossibilidade de dias melhores. O mais importante não é ser feliz, mas impedir o gozo alheio.

A campanha em banho-maria dos dos principais candidatos à Presidência ilustra esse desalento. Em sua sétima disputa pelo Palácio do Planalto, Lula (PT) está longe de despertar o entusiasmo que, em tempos idos, contagiou boa parte do país. Ele sequer consegue repetir o que ocorreu há quatro anos, quando sua vitória indicava a única alternativa ao bolsonarismo.

Além do pacto contra a extrema-direita havia, em 2022, a perspectiva de uma reconstrução e de busca de um amanhã. Hoje, mesmo diante da disputa com o mesmo grupo político, o petista não consegue apontar para novas alternativas, é como se conseguisse apenas projetar um futuro no pretérito — isso é pouco para um país que tanto mudou.

É mais do que razoável que ele, formado no sindicalismo, insista na valorização do trabalho de carteira assinada, na briga por salários, que continue a ressaltar o papel da educação. Mas esses temas demonstram ser limitados para uma juventude que tem pressa, que precisa ganhar dinheiro logo, que não aguenta mais a reprodução da pobreza, geração após geração.

A candidatura de Flávio Bolsonaro também está longe de gerar o entusiasmo verificado em 2018, quando seu pai, Jair, foi alçado ao posto de representante do contra-tudo-que-está-aí e, do seu jeito, protagonizou a ideia de mudança. Hoje, a possibilidade de vitória do senador existe porque ele representa o único obstáculo viável a Lula. Existe em função do petista, que, como na canção de Francis Hime e Chico Buarque, é adorado pelo avesso pelos que votarão no nome sacramentado pelo PL.

Outro dia, a Folha de S. Paulo publicou reportagem com mulheres que, em 2002, participaram de um clipe da campanha de Lula que se tornaria célebre, o de grávidas que, ao som do “Bolero” de Ravel caminhavam por uma colina. No comercial, um texto narrado por Chico Buarque frisava que a mudança do país dependia da mudança de cada eleitor.

Em 2026, o país que trocou o sim pelo não demonstra estar preso no pântano do ódio — não se importa em submergir, desde que seu inimigo afunde antes. Vale citar Chico pela terceira vez: vivemos como se o futuro nos tivesse sido arrancado, como aguardássemos o revés de um parto, de olhos fixos em outro dístico de cemitério, “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”.

EDITORIAL

A cautela do consumidor com o corte da taxa Selic

A redução da taxa Selic de 14% para 13,75% ao ano, decidida nesta quarta-feira (16) pelo Comitê de Política Monetária (Copom), é mais do que um movimento de 0,25 ponto percentual. É um sinal de que o Banco Central identifica espaço para aliviar, ainda que com cautela, uma das principais amarras da economia brasileira. O corte, o quinto consecutivo, ocorre em um cenário de desaceleração da inflação, que registrou deflação de 0,32% em agosto e acumulou alta de 4,22% em 12 meses.

Para o consumidor, entretanto, é importante não criar expectativas de uma queda imediata e proporcional dos juros cobrados pelos bancos. A Selic serve de referência para o crédito, mas empréstimos, financiamentos, cartão de crédito e cheque especial incorporam outros custos, como risco de inadimplência, despesas administrativas e margem das instituições financeiras. Por isso, o efeito no bolso tende a ser gradual.

Ainda assim, juros menores representam uma perspectiva positiva para famílias endividadas e empresas que precisam de crédito para reorganizar as finanças, investir ou ampliar a produção. Ao longo do tempo, a redução do custo do dinheiro pode estimular o consumo, facilitar investimentos e dar algum impulso à atividade econômica. É justamente esse equilíbrio entre estimular a economia e preservar o controle dos preços que torna a política monetária uma tarefa delicada.

O impacto também alcança quem não toma empréstimos. A queda da Selic reduz a remuneração de aplicações atreladas aos juros básicos, exigindo que investidores procurem alternativas para preservar seus rendimentos. Para quem depende da renda de investimentos conservadores, portanto, o movimento tem dois lados: o crédito pode ficar menos caro, mas a rentabilidade de determinadas aplicações também tende a diminuir.

Há, ainda, um alerta. A inflação continua acima do centro da meta de 3%, e o próprio Banco Central aponta incertezas externas, conflitos no Oriente Médio e os possíveis efeitos do El Niño sobre preços de commodities e alimentos.

O corte da Selic, portanto, deve ser recebido como uma oportunidade, não como autorização para uma nova onda de consumo financiado. Para o cidadão, pode significar algum alívio nas dívidas e melhores condições para reorganizar o orçamento. Para a economia, abre espaço para mais crédito, investimento e atividade. Mas o benefício será maior se vier acompanhado de responsabilidade fiscal, inflação sob controle e redução efetiva dos juros cobrados na ponta.

A queda de 14% para 13,75% é pequena na aparência, mas importante pelo que representa. O desafio agora é transformar uma decisão de política monetária em um alívio que chegue, de fato, ao bolso dos cidadãos brasileiros.

OPINIÃO DO LEITOR

Seca no DF

A seca não dá trégua no Distrito Federal. A recomendação é beber muita água nos dias mais secos, evitar atividades ao ar livre das 10h às 17h, usar hidratante para pele, umidificar o ambiente e usar roupas leves durante os horários de sol.

José Ribamar Pinheiro Filho, Brasília - Distrito Federal

Contribuições por e-mail: endereço@correiodamanha.net.br

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher
CLÁUDIO MAGNAVITA
redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 Whatsapp: (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057	BRASÍLIA ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-20	SÃO PAULO Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510
---	--	--

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal